RESENHA: FONSECA, MARIA AUGUSTA; SCHWARZ, ROBERTO (ORGS.). ANTONIO CANDIDO 100 ANOS. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2018 (496 P.)

Anita Martins Rodrigues de Moraes¹

A coletânea *Antonio Candido 100 anos*, organizada por Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz, reúne textos de trinta e sete autores que compartilham vivo interesse pelo pensamento e pela trajetória de Antonio Candido. Concebida como comemoração de aniversário (na esteira de coletâneas anteriores²), veio a público como homenagem póstuma, em 2018.

A extensão superlativa da coletânea e seu viés encomiástico parecem responder pela heterogeneidade dos textos – vários deles, estudos aprofundados, densos e instigantes; outros, apontamentos superficiais, por vezes apenas laudatórios. Destaco, como exemplo do primeiro caso, a bem-vinda publicação de “Sobre literatura e sociedade”, de Howard Becker.³ Sugerindo hibridez na escrita de Candido, uma dicção ensaística que atravessa as ciências sociais, a crítica literária e a própria literatura, o texto traz elementos para pensarmos as especificidades da produção intelectual brasileira a partir da perspectiva de um estudioso estrangeiro, o que nos desafia a rever nossas autorrepresentações.

Também merece destaque o texto de Edu Teruki Otsuka, intitulado “Romance e expectativa: Antonio Candido e o romance brasileiro antes de *Formação da Literatura brasileira*”. Trata-se de estudo bem documentado que verifica, já nos primeiros textos de Candido, uma aposta no romance como gênero encarregado de “superar” os abismos entre a civilização litorânea e o rústico interior do país (p. 342). Otsuka torna visível o empenho de Candido em defender um romance integrador, que inspire projetos políticos de integração nacional em viés igualitário e modernizante (p. 344). Tal expectativa do crítico ressurgiu no texto de Danielle Corpas, intitulado “O Guimarães Rosa de Antonio Candido e seus avessos”. A autora se pergunta se a fortuna crítica de *Grande sertão: veredas*, na esteira da leitura de Candido (especialmente de “O homem dos avessos” e “Jagunços

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal Fluminense (anitamoraes@id.uff.br).

² Celso Lafer lembra, em seu texto “Sobre *O albatroz e o chinês*”, que organizara a coletânea *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido* (1979), comemorativa de seus 60 anos (p. 324). Ao se referir a seu texto “As ideias e a política na trajetória de Antonio Candido” (p. 335; nota 44), também remete o leitor a *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido* (1992), coletânea organizada por Maria Angela d’Incao e Eloísa Faria Scarabôto.

³ Como informado em nota de rodapé (p. 237), trata-se da tradução do texto “*Social Theory in Brazil*”, de 1992, que foi novamente publicado em 1995 como introdução à coletânea de ensaios de Antonio Candido organizada pelo próprio Becker: *On Literature and Society*.

mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”), não descuraria (com raras exceções) de traços importantes do romance, especialmente de seu narrador-personagem (um aposentado homem de armas que se fez proprietário de terras). Sua questão é: haveria de fato “superação efetiva dos problemas” (p. 373) na voz narrativa inventada por Rosa? Segundo Corpas, Candido teria deixado de apostar nisso (a estudiosa se vale de “A nova narrativa” [A educação pela noite e outros ensaios] para defender tal guinada do crítico [p. 374]). A leitura conjunta dos textos de Otsuka e Corpas (que integram a oitava seção da coletânea: “Exercício crítico”) faz-se sugestiva, pois ambos lidam com demandas de Antonio Candido, com seu empenho em propor rumos à literatura, explicitando, assim, uma tendência à normatividade. Acrescente-se ao conjunto o texto “Os caipiras e o Brasil”, de Luiz Carlos Jackson, que nos ajuda a compreender como Candido pensou o “homem do interior”.⁴

O problema da desigualdade social em suas relações com a história colonial e a questão da diferença cultural, em particular no contexto latino-americano, atravessa os textos mais estimulantes da coletânea. Esse é o caso, por exemplo, de “Cinema e subdesenvolvimento: um diálogo com Antonio Candido mediado por Paulo Emílio, e vice-versa”, de Ismail Xavier (texto que, como os de Becker e Jackson, integra a sétima seção da coletânea: “Questões de Cultura e Política”). O autor, que revisita debates entre Candido e Paulo Emílio Salles Gomes (para quem o cinema produzido no país “se insere numa esfera pública muito mais complexa que a vivida pela literatura nos séculos anteriores” [p. 283]), propõe que se possa “falar de um cinema subdesenvolvido, no plano econômico, mas não transplantar mecanicamente a noção para o debate estético-cultural, terreno em que não se aplicam certas quantificações de desempenho, a menos que adotemos um já desgastado evolucionismo em que tudo se resume à questão do domínio técnico da natureza, nos termos vigentes no contexto da modernidade” (p. 277). Tal “desgastado evolucionismo” é também problematizado por Grínor Rojo em seu estimulante texto “Antonio Candido em diálogo com a teoria do desenvolvimento, o desenvolvimentismo e a teoria da dependência” (que integra a sexta seção da coletânea: “América Hispânica e África”). Rojo estuda o pensamento econômico latino-americano do século XX, sugerindo que o “novo credo” desenvolvimentista “se propagou também para fora do campo econômico” (p. 162). Em sua perspectiva, a obra de Candido “é exemplar nesse aspecto, pois cobre os três momentos que articulam a sequência cronológica da postulação desenvolvimentista, desde seu primeiro aparecimento como teoria do desenvolvimento até sua esquerdização ocorrida com os dependentistas radicais dos anos 1960.” (p. 162)

Rojo formula, parece-me, problemas cruciais: 1) a *Formação da literatura brasileira* (1959) consiste na “aplicação cultural” da “teoria do desenvolvimento” (p. 163), pois em seu viés formativo “chegamos a ser ‘mais’ porém só na medida em que formos ‘mais como o outro’, como aquele que fez as coisas antes e estabeleceu o padrão e o roteiro que deveria ser seguido, em suma, o ‘outro’ que é o farol da plenitude.” (p. 163); 2)

⁴ No caso dos textos de Danielle Corpas e Luiz Carlos Jackson, estamos diante de desdobramentos de pesquisas anteriores, com resultados já publicados (conferir *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito* e a sociologia de Antonio Candido, de Jackson [2002], e *O jagunço somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande sertão: veredas*, de Corpas [2015]).

“Literatura e subdesenvolvimento” (1970) não chega a subverter o “padrão e o roteiro” da *Formação*, pois “pressupõe que o único relógio que dá a hora certa (em qualquer ordem de coisas, em economia ou em política, como em arte e literatura) é o das metrópoles centrais. É-se anacrônico, mas a quem pertence o relógio?” (p. 164)

O texto de Mario René Rodriguez Torres, “De Antonio a Antonio: um programa de leitura de Antonio Candido em chave latino-americana” (que também integra a sexta seção da coletânea), desdobra a discussão acerca do “relógio que dá a hora certa”. Lembrando do debate entre Antonio Candido e Antonio Cornejo Polar nas “Jornadas de Literatura Latino-Americana” que aconteceram em janeiro de 1980, na Universidade Estadual de Campinas, e na ‘reunião de especialistas intitulada *Para uma história de la literatura latinoamericana*, que aconteceu em Caracas” em 1982, Torres destaca o problema da “sucessão temporal homogênea”, trazendo ponderações de Candido presentes em sua apresentação em evento de 1983, novamente em Campinas (p. 170). Ainda que Cornejo Polar não tenha comparecido a esta “Segunda Reunião de Especialistas”, Torres considera as colocações de Candido receptivas a debates ocorridos nos eventos anteriores: “As discussões dos encontros levam a um já muito experiente e reconhecido Antonio Candido a postular a necessidade de fazer algo novo em matéria de história literária, algo diferente do que todos, incluído ele próprio, tinham feito até então.” (p. 171) Para o autor, Candido respondia na ocasião a críticas de Cornejo Polar ao ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, críticas que chamaram a atenção “sobre o risco de reduzir ‘a literatura latino-americana exclusivamente àquela escrita em línguas europeias e sob normas estéticas próprias ao ou derivadas do Ocidente’, assim como às produções escritas.” (p. 171). Para Torres, “em 1983, Candido reconhecia implicitamente a necessidade de atentar para a existência de múltiplos sistemas literários” (p. 171). Pablo Rocca, com “Algumas fronteiras hispano-americanas de Antonio Candido”, avança na abordagem de interlocuções entre pensadores latino-americanos, explorando especialmente o diálogo entre Candido e Ángel Rama.⁵ Rocca sugere a convergência de debates no continente, delineando um ambiente intelectual de meados do século XX, ambiente em que destaca a circulação da obra de Sartre (pp. 189-191).

Encerrando a sexta seção da coletânea, o texto “Antonio Candido e as literaturas africanas de língua portuguesa”, de Rita Chaves, trata da presença do modelo teórico-crítico-historiográfico de Candido no âmbito dos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa. Em “O sumiço dos africanos: notas sobre *Formação da literatura brasileira e Formação econômica do Brasil*”, texto de Luiz Felipe de Alencastro (que integra seção posterior, “Estudos críticos”), a consideração da África retorna conduzindo à problematização: o historiador argumenta que Celso Furtado subestima o escravismo no Brasil (pp. 421-423) e sugere uma “ocultação do africano” em obras analisadas na *Formação da literatura brasileira*, apontando que “Basílio da Gama dá sumiço do tráfico negro nas duas margens do Atlântico Sul” (p. 424) e que o mesmo fizera Santa Rita

⁵ Conferir a publicação da correspondência entre Candido e Rama organizada pelo autor: CANDIDO, Antonio; RAMA, Ángel. *Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*. Edição, prólogo e notas de Pablo Rocca. Montevideo: Estuario Editora, 2016

Durão com *Caramuru*. Assim, defende que o que Candido denomina “‘pombalismo literário’ [...] passa ao largo de iniciativas importantes de Pombal no Brasil como o estabelecimento de duas companhias negreiras”, de modo que a “liberdade dos índios propalada em *O Uruguai* e *Caramuru*, decorre da intensificação da escravização dos africanos, ausentes nos dois poemas.” (p. 425) Como Rojo, Alencastro lida com interferências entre ciência econômica e estudos literários, situando, por sua vez, a formação de Celso Furtado e Antonio Candido num ambiente intelectual bastante marcado pelo “debate identitário” conduzido por “Mário de Andrade e os modernistas” (p. 417).

O problema das complexas (e não raro terríveis) relações entre poder e cultura letrada numa sociedade classista, racista, machista, de extração colonial e escravista como a brasileira é retomado em três textos que abordam o método crítico de Candido: “O radicalismo do radical de classe média: ‘De cortiço a cortiço’”, de Ana Paula Pacheco; “Degradação da experiência”, Salette de Almeida Cara; “Antonio Candido, ou a persistência do Realismo”, de Silvia L. López. As três autoras valorizam, como realização crítica exemplar, a análise de *O cortiço* (romance de Aluísio Azevedo) elaborada por Candido em “De cortiço a cortiço” (*O discurso e a cidade*). Nesse sentido, encontram-se em sintonia com avaliação de Schwarz, que considera este ensaio e “A dialética da malandragem” os “mais audaciosos e complexos de Antonio Candido” (p. 75). As autoras parecem entender que a atualidade da crítica sociológica de Candido se associa à necessidade de lidarmos com o agravamento da brutalidade do capitalismo em nosso tempo – com a financeirização da economia e a precarização violenta das relações de trabalho. Sugerem, salvo engano, que o crítico soubera evitar uma série de “perigos” – o estruturalismo, o sociologismo, o esteticismo e o pós-modernismo, além do dogmatismo, do elitismo, do populismo, do provincianismo e do estrangeirismo – trilhando um caminho (intelectual, moral e politicamente) acertado cujo legado parece ser um método não só produtivo como seguro, pautado numa correta concepção da forma literária, imune a equívocos. Nos termos de Silvia L. López: “Nos anos 1990, no auge pós-estruturalista, Schwarz [com “A originalidade da crítica de Antonio Candido”] aproveita para situar novamente essa contribuição de Candido [“De cortiço a cortiço”], e intervir em favor de uma crítica que não precisou do pós-estruturalismo, porque nunca pecou por ser estruturalista.” (p. 471)

Intitulada “Lições de um professor”, a quarta seção da coletânea (após nota introdutória de Roberto Schwarz, seção de dedicatórias ao homenageado em fac-símile e seção “Poesia”, com texto de Francisco Alvim intitulado “Situação crítica”), primeira seção mais alentada, singulariza-se por reunir textos que, ainda que diversificados, partilham a tarefa de refletir sobre a atividade docente de Candido, configurando uma imagem modelar do mestre. Importantes qualidades intelectuais são reconhecidas em Candido, dentre as quais a inteligência fina, a abertura às diferenças, a capacidade de escuta atenta e diálogo franco, ou seja, de “mediação”, nos termos de Bosi (p. 45). A recorrente atribuição de excepcionalidade a Antonio Candido, contudo, parece instalar uma hierarquia que desencoraja a emulação.

Já na nota introdutória da coletânea, somos advertidos por Roberto Schwarz da condição excepcional do homenageado: síntese do Brasil arcaico e moderno por destino

familiar (por parte de pai, descende da elite rural e, de mãe, da elite urbana), Candido pudera conhecer como poucos a realidade do país. Sua capacidade de visão é, assim, dada pela vida que viveu, sendo as teorias que mobilizara secundárias, ou melhor, devidamente equacionadas pela experiência viva. O que parece interessar a Schwarz é a defesa da ímpar capacidade de visão e entendimento do mestre, em parte resultante de uma condição familiar singularmente propícia. Mas seria mesmo tal síntese familiar rara no Brasil? Seria importante verificar, pois pode não ser mais que um sinal de que as elites, nas primeiras décadas do século XX, tendiam a se casar entre si. Não se trata, contudo, apenas de atentar à posição social do pensador homenageado, num viés sociológico certamente produtivo (que se adensa ao longo da coletânea, especialmente com os textos da seção “Sobre o radicalismo” e com texto do próprio homenageado, “Como e porque sou crítico”, da seção “Depoimento” que encerra o volume); trata-se, antes, de introduzir a tópica da excepcionalidade, tópica bastante insistente na coletânea como um todo.

A aposta na colagem entre pensamento e realidade viva é reiterada em outros textos. A afirmação de que a obra de Candido, antes de ser elaboração de ideias e argumentos, “brota da vida”, ressurge já no primeiro texto da quarta seção, “Anotações de uma aluna”, da autoria de Adélia Bezerra de Meneses. A autora explica a “força humanizadora da literatura” a partir de uma anedota: visitando um amigo adoecido, Antonio Candido testemunhara que a declamação de um trecho de *Os Lusíadas*, de Camões, proporcionara ao doente o retorno à lucidez. “E a conclusão de Antonio Candido: o confronto com aquela ‘matéria organizada’ que era o poema exerceu um ‘papel organizador’ sobre a mente confusa do enfermo”. (p. 34) Segue-se uma sugestão importante: I. A. Richards fora, segundo Meneses, referência prioritária para Candido na elaboração de sua teoria da função humanizadora-organizadora da literatura, tendo sido um autor trabalhado por ele em cursos de pós-graduação (Meneses registra ter cursado, em 1967, disciplina que discutiu *Princípios de crítica literária*, [p. 35]). Tal apontamento, tão significativo, é ofuscado pela anedota, pela sugestão de que Candido iria além da teoria, de que sua fonte seria a vida mesma. Afinal, o “ir além” de Candido (p. 36) parece coincidir com um acesso privilegiado às coisas como são, no caso, trata-se de conhecer (e nos revelar) a própria natureza da experiência literária. Não estamos mais no âmbito da argumentação, temos acesso direto à realidade mesma, à experiência viva.

Vale notar que, em “Analisar o poema”, texto que integra a penúltima seção da coletânea, Iumna Maria Simon reitera o interesse de Candido por teóricos do *New Criticism*, mencionando, em nota de rodapé, Allen Tate (p. 402).⁶ Surpreende, no entanto, que o bloqueio à investigação e à crítica se reponha, pois a autora recusa a possibilidade de que críticas feitas a Tate (por exemplo, a seu conservadorismo e elitismo) possam ser relevantes para os leitores de Candido. O desestímulo à problematização ressurge na desqualificação das críticas de Haroldo de Campos e Luiz Costa Lima à *Formação da literatura brasileira*, tratadas pela autora em notas de rodapé como “erro de avaliação/

⁶ Antonio Candido, por sua vez, menciona em seu depoimento a importância da leitura de “O poema como organismo”, de Cleanth Brooks Jr. (p. 484).

tolice” (p. 408) e “má vontade crítica” (pp. 401-2), respectivamente. É certo, porém, que o leitor pode aproveitar as preciosas sugestões a referências teóricas, investigá-las, ser tomado pela curiosidade, pela vontade de pensar, numa atitude intelectual que alguns textos da coletânea tendem a desencorajar. Alexandre Pilatti, por exemplo, propõe-se a explicitar uma “concepção de educação literária” em Antonio Candido, não para pensá-la e discuti-la, mas para apresentá-la como orientação reta, segura e clara, como um guia (conceitual, pedagógico e moral) para todo professor (pp. 211-225). À aposta na colagem entre pensamento e vida associa-se, assim, outra tópica recorrente na coletânea, a tópica da clareza do mestre, por sua vez associada à sua inigualável generosidade.

O texto de José Miguel Wisnik coloca, contudo, o problema da invenção de um duplo do mestre para uso próprio, uma espécie de Candido “a serviço de” (p. 99). Empenha-se, então, em desnudar o conteúdo ficcional da duplicação (p. 98) e elabora sua própria ficção: ao sério mestre, que a todos conduz com segurança, contrapõe o divertido imitador e piadista. Já não estamos, porém, no âmbito da transparência: tal figura simpática, espécie de animador e *performer*, é ficção desnudada e, ela própria, produtora de ficções (imitações, troça, riso). Wisnik constrói uma imagem verossímil (o autor recorre não só a sua própria vida, mas também a citações de depoimentos alheios que corroboram sua criação [p. 101]), sugerindo que seria inclusive mais interessante ao próprio Candido, ciente de um “professor muito famoso”, “um certo Antonio Candido” que circulava pela USP e não era ele (p. 98).

Ganha interesse, pelo gesto inédito que comporta, uma anedota pessoal: Wisnik teria dito a Candido que ele se parecia com certa personagem cômica de um conto de Malba Tahan, no entanto, era ainda mais versado que ele em conhecimento enciclopédico, “um sábio da alfabetologia toda” (p. 101). Ao invés do discípulo que se esforça incansavelmente para agradar, Wisnik se representa como aquele que entra no jogo e também faz piada, devolvendo ao mestre uma comparação que torna a tópica da excepcionalidade engraçada e desafia a hierarquia a que, quando séria, serve.

O texto de Wisnik tem, assim, o efeito de instigar o leitor. Nesse sentido, destaca-se a retomada de uma perturbadora analogia: Florestan Fernandes, em “O mestre ímpar” (1992),⁷ dizia que Candido fora uma espécie de “professor-ama-seca” (p. 96). A analogia de Florestan Fernandes, lembrada por Wisnik, infantiliza o estudante e sugere hierarquização e controle na relação de ensino-aprendizagem. Aliás, se a atenção ao estudante “menos equipado” (p. 96) sugere dedicação profissional e engajamento social, delata também a segurança do mestre quanto ao valor e à excelência de seu próprio equipamento intelectual. O leitor já sabe o motivo, pois fora prevenido de que ao “implantar as áreas de humanidades por meio da importação de professores franceses, a Universidade de São Paulo evidenciou e dramatizou a distância entre a escola brasileira e os padrões acadêmicos de excelência.” (p. 96) Subjaz à hierarquia entre professor e estudante uma outra, a hierarquia entre Europa avançada e Brasil atrasado, de modo que

⁷ O texto de Florestan Fernandes integra a coletânea *Dentro do texto, dentro da vida*, já mencionada em nota de rodapé desta resenha.

a área de humanidades da Universidade de São Paulo funcione como um enclave da civilização (da França civilizada, moderna) destinado a promover o desenvolvimento do estudante e, assim, combater o atraso do país.

A sugestão é de uma transferência: Europa Esclarecida, Missão Francesa, Universidade de São Paulo. Trata-se de uma cadeia que exige a aceitação da superioridade cultural europeia e a “consciência” do próprio atraso – mas esse “próprio” é, na verdade, um “outro”, o compatriota atrasado, pois aquele que for de elite e se formar pela Universidade de São Paulo ocupará o posto privilegiado de quem teve acesso pleno e direto à civilização, ou seja, à cultura letrada erudita de matriz ocidental, um acesso sem qualquer mediação, restrição ou *déficit*.⁸ Impõe-se, assim, a consideração do eurocentrismo de uma série de oposições decisivas em *Candido*: universal e particular; cosmopolitismo e regionalismo; civilizado e primitivo; urbano e rústico (interiorano); homem culto (letrado) e homem inculto (de cultura oral); desenvolvido e subdesenvolvido; moderno e atrasado; rico (com condições de se humanizar) e pobre (mutilado em sua humanidade).

Resta notar que estudos críticos ao pensamento de *Candido*, cuja produção tem sido discutida há décadas, não recebem apreciação detida nos textos da coletânea (com a importante exceção do texto de Torres, como vimos). Questionamentos tendem, em geral, a se apresentar como previstos no próprio pensamento do homenageado – este é o caso, além de vários dos textos comentados nesta resenha, do instigante e bem humorado texto de Raúl Antelo, “Mais-valia crioula: estruturada, porém estruturante”. Apesar de fecundo por nos sugerir um pensamento dinâmico, complexo e que se renova pela autorreflexão, tal gesto talvez responda também a uma preocupação, funcionando como uma licença: “posso questionar Antonio *Candido* porque minha crítica não lhe é alheia, já foi por ele prevista”. Então, pergunto: haveríamos sempre que pensar dentro dos marcos de seu pensamento? Parece-me, contudo, e assim concluo esta resenha, que a coletânea tem o mérito de oferecer elementos para o leitor escolher, ao porto seguro das certezas, o risco das perguntas – nisso emulando, talvez, o próprio homenageado.

Referências

CANDIDO, Antonio. *On Literature and Society*. Introdução e organização de Howard Becker. Princeton: Princeton University Press, 1995.

CANDIDO, Antonio; RAMA, Ángel. *Un proyecto latinoamericano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*. Edição, prólogo e notas de Pablo Rocca. Montevideo: Estuario Editora, 2016.

⁸ Parece-me que Howard Becker nos devolve outra imagem do intelectual uspiano: se a formação universitária seria responsável pela produção científica disciplinar, ou seja, pelo conhecimento de métodos modernos e avançados de pesquisa aprendidos com os mestres franceses, o que Becker valoriza em *Candido* é sua “indisciplina”, ou seja, o cariz literário de sua escrita, distante do “estilo profissional moderno” (p. 246-7). Apreciação semelhante se encontra no texto de Jackson (p. 294-5).

CORPAS, Danielle. *O jagunço somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande sertão: veredas*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992.

JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.

LAFER, Celso (Org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 10/03/2020

Referência eletrônica: MORAES, Anita Martins Rodrigues. Resenha: Fonseca, Maria Augusta; Schwarz, Roberto (Orgs.). Antonio Candido 100 Anos. São Paulo: Editora 34, 2018 (496 P.). *Criação & Crítica*, n. 26, p., jun. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.